

Psicologia em Pesquisa

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa>

Consequências Apresentadas Pelas Mães em Resposta ao Comportamento

Inibido de Suas Crianças

Consequences Presented by Mothers in Response to Their Child's

Inhibited Behavior

Consecuencias Presentadas por las Madres en Respuesta al

Comportamiento Inhibido de Sus Hijos

Mariana Rodrigues Proença Mastine¹, Robson Zazula², Márcia Cristina Caserta Gon³&

Roberto Alves Banaco⁴

¹ Universidade Estadual de Londrina. *E-mail:* mariana.r.proenca@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0688-1673>

² Universidade Federal da Integração Latino Americana. *E-mail:* robson.zazula@unila.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8473-050X>

³ Universidade Estadual de Londrina. *E-mail:* marciagon@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2389-9587>

⁴ Instituto Par - Ciências do Comportamento. *E-mail:* roberto.banaco@institutopar.org ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0619-338X>



Informações do Artigo:

Mariana Rodrigues Proença
Mastine

mariana.r.proenca@gmail.com

Recebido em: 10/10/2024
Aceito em: 13/08/25

RESUMO

A inibição comportamental refere-se a padrões de comportamento e respostas emocionais de crianças diante de pessoas, situações, lugares e objetos novos ou pouco familiares, influenciado pelo ambiente. Com o intuito de compreender o fenômeno da inibição comportamental, o presente estudo objetivou analisar relatos verbais de mães acerca do comportamento das crianças quando expostas a ambientes sociais e não sociais. Participaram da pesquisa quatro mães sobre e suas crianças, por meio da aplicação do Questionário de Inibição Comportamental e entrevista semiestruturada, sobre comportamentos inibidos de crianças quando expostas a ambientes sociais ou não sociais desconhecidos, estranhos ou pouco familiares, em termos de classes de estímulos e de respostas. Todas as crianças tiveram escores elevados em ao menos três contextos do questionário, bem como relatos de comportamento inibido. Embora estes comportamentos proporcionem às crianças uma possível sensação de bem-estar e segurança, as mães não estariam ensinando comportamentos de enfrentamento mais eficazes, aumentando a probabilidade de aquisição e manutenção destes repertórios. O ambiente social e não social imediato podem influenciar a manutenção ou não de respostas a estímulos sociais e não sociais desconhecidos, impactando na trajetória do desenvolvimento, cabendo intervenções não apenas junto às crianças, bem como pais e/ou cuidadores.

PALAVRAS-CHAVE:

Inibição (personalidade); Estímulos; Relações mãe-criança; Desenvolvimento emocional.

ABSTRACT

Behavioral inhibition could be understood as behavioral or emotional responses in children when faced with new or unfamiliar people, situations, places, and objects, influenced by the environment. To comprehend the phenomenon, the present study aimed to analyse verbal reports from caregivers regarding children's behavior when exposed to social and non-social environments. Participated in the study four mothers and their children through the application of the Behavioral Inhibition Questionnaire and a semi-structured interview, focusing on children's inhibited behaviors when exposed to unfamiliar, strange, or less familiar social or non-social environments, in terms of stimulus and response classes. All children had high scores in at least three contexts of the questionnaire, as well as reports of inhibited behavior. Although these behaviors may provide children with a possible sense of well-being and security, the mothers were not teaching more effective coping strategies, increasing the likelihood of the acquisition and maintenance of these behavioral repertoires. The immediate social and non-social environment can influence whether responses to unfamiliar social and non-social stimuli are maintained or not, impacting developmental trajectories, and requiring interventions not only with children but also with parents and/or caregivers.

KEYWORDS:

Inhibition (personality); Stimuli; Mother-child relations; Emotional development.

RESUMEN

La inhibición conductual se refiere a comportamiento y respuestas emocionales de los niños ante personas, situaciones, lugares y objetos nuevos o poco familiares, influenciados por el ambiente. Con el objetivo de comprender el fenómeno de la inhibición conductual, el presente estudio tuvo como finalidad analizar relatos verbales de madres acerca del comportamiento de los niños cuando están expuestos a entornos sociales y no sociales. Participaron en la investigación cuatro madres y sus hijos mediante la aplicación del Cuestionario de Inhibición Conductual y una entrevista semiestruturada, centrándose en los comportamientos inibidos de los niños cuando eran expuestos a entornos sociales o no sociales desconocidos, extraños o poco familiares, en términos de clases de estímulos y respuestas. Todos los niños obtuvieron puntuaciones altas en al menos tres contextos del cuestionario, así como informes de comportamiento inibido. Aunque estos comportamientos pueden proporcionar a los niños una posible sensación de bienestar y seguridad, las madres no estaban enseñando estrategias de afrontamiento más efectivas, lo que aumenta la probabilidad de adquisición y mantenimiento de estos repertorios. El ambiente social y no social inmediato puede influir en las respuestas a estímulos sociales y no sociales desconocidos, impactando en la trayectoria del desarrollo, siendo necesarias intervenciones no solo dirigidas a los niños, sino también a los padres y/o cuidadores.

PALABRAS CLAVE:

Inhibición (personalidad); Estímulos; Relaciones madre-hijo; Desarrollo emocional.

Inibição comportamental (*behavioral inhibition*) refere-se a uma das categorias de temperamento amedrontado mais estudadas em crianças, sendo observada entre 10% e 15% dessa população (Fu & Pérez-Edgar, 2019; Kagan et al., 1988). Essa categoria temperamental corresponde a padrões de respostas biológicas, emocionais e sociais da criança, relativamente consistentes e estáveis, apresentados diante de pessoas, lugares e objetos novos ou pouco familiares (Kagan et al., 1984, 1988). Em situações inéditas ou diante de pessoas novas, crianças com inibição comportamental podem mostrar-se cautelosas, retraídas e/ou vigilantes, bem como se afastar ou evitar aproximar-se de pessoas ou objetos desconhecidos ou pouco familiares (Aktar & Pérez-Edgar, 2024; Fox et al., 2005; Kagan, 2018; Kagan et al., 1988; Reynolds et al., 2018).

Uma das explicações para que essas reações ocorram é a de que haveria uma tendência biológica individual de mostrar atenção rápida e automática orientada a estímulos novos e potencialmente ameaçadores (Kagan, 2012; Pérez-Edgar et al., 2017). Nesse caso, a inibição comportamental aconteceria como resultado da hiperatividade do sistema nervoso simpático, que parece associar-se a um limiar baixo de excitabilidade na amígdala, produzindo respostas de medo à novidade ou ao desconhecido (Fox et al., 2005; Kagan & Snidman, 1991; Schwartz et al., 2012). Diversos estudos apontam diferenças entre crianças inibidas e desinibidas em relação a alterações fisiológicas e neurofisiológicas, tais como da magnitude da aceleração cardíaca, dilatação pupilar, tensão nos músculos esqueléticos, da pressão arterial e dos níveis de cortisol (e.g., Blair et al., 2004; Kagan et al., 1998; Möller et al., 2016; Ostlund & Pérez-Edgar, 2023).

Além disso, crianças que apresentam inibição comportamental têm maior probabilidade de apresentarem esse padrão comportamental na vida adulta e desenvolver algum tipo de transtorno de ansiedade, em especial o transtorno de ansiedade social (TAS) (Biederman et al.,

2001; Degnan & Fox, 2007; Fox et al., 2023; Henderson et al., 2015; Svihra & Katzman, 2004). Nesse contexto, a inibição comportamental pode ser usada como um preditor direto de transtornos de ansiedade. Além disso, muitas características de inibição parecem associar-se a esses transtornos (Degnan & Fox, 2007; Fox et al., 2023; Gensthaler et al., 2016; Rimm-Kaufman & Kagan, 2005).

Contudo, a trajetória de desenvolvimento emocional de crianças com histórico de inibição comportamental é altamente variável de modo que nem todas apresentarão níveis clínicos ou subclínicos de ansiedade ao longo da vida (Henderson et al., 2015; Tan et al., 2024; Tang et al., 2020). O ambiente no qual essas crianças estão inseridas, desde o nascimento, tem influência na expressão dessa categoria comportamental, sobretudo o ambiente familiar, destacando-se a interação com seus pais ou cuidadores (Kagan et al., 1988). Quando se observa uma estabilidade na inibição comportamental, mesmo que de baixa magnitude, intensidade e/ou frequência, pode-se considerar que fatores ambientais, que não apenas o temperamento, explicariam possíveis ajustamentos sociais e emocionais apresentados na infância ou adolescência, como as práticas parentais (Cornell & Frick, 2007; Möller et al., 2016; Rubin et al., 2002).

Pesquisas demonstram que “efeitos” da inibição observados nos primeiros anos de vida podem ser moderados pelo comportamento parental, tais como a superproteção e controle intrusivo (Rubin et al., 2002). Pais que são excessivamente calorosos, não responsivos, intrusivos e/ou críticos, ou que também apresentam comportamentos inibidos, aumentam as chances de que seus filhos sejam mais reticentes e cautelosos socialmente (De Moor et al., 2018; Rubin et al., 1997, 2001; Zhai et al., 2023). Portanto, estudos sobre interações de cuidadores e crianças inibidas são necessários uma vez que podem evidenciar o papel do

ambiente familiar na inibição comportamental, a qual tem sido considerada como uma característica de temperamento predominantemente biológica.

Não há ainda, na literatura, a descrição detalhada dos eventos consequentes ao comportamento inibido (Barros, 2016), embora as pesquisas conduzidas por Kagan et al. (1984; 1988), citadas anteriormente, tragam contribuições importantes para a compreensão da inibição comportamental por terem conduzido manipulações experimentais e não experimentais de eventos antecedentes (e.g., objetos e pessoas estranhas ou pouco conhecidas, separação da mãe) e por terem descrito topografias de respostas inibidas (e.g., afastar-se, interromper ação, chorar). Essa descrição seria fundamental para entender quais eventos físicos e/ou sociais (e.g., ações de outras pessoas) sucedem o comportamento problema para, assim, identificar seus possíveis mantenedores e auxiliar na elaboração de hipóteses sobre a sua função (Hanley et al., 2003) e, consequentemente, suas influências no desenvolvimento de transtornos psiquiátricos. Assim, o presente trabalho teve por objetivo analisar relatos de cuidadores sobre seus próprios comportamentos diante da emissão de comportamentos inibidos por suas crianças, quando elas são expostas a ambientes sociais (i.e., pares ou adultos) ou não sociais (i.e., objetos, sons ou animais) que lhes são desconhecidos, estranhos ou pouco familiares.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa quatro mães de crianças entre três anos e um mês e quatro anos e dois meses de idade. As mães eram casadas, com idades entre 30 e 40 anos, sendo uma delas com ensino médio completo e três com ensino superior completo; somente uma das mães exercia trabalho extradomiciliar. O único critério de inclusão para as mães foi repertório de leitura e de escrita (i.e., alfabetização), além do aceite em participar da pesquisa. As crianças,

por sua vez, deveriam atender aos seguintes critérios de inclusão: (a) apresentar entre três e cinco anos de idade, (b) apresentar comportamento inibido a partir do relato dos residentes da Clínica Escola de Odontologia Infantil de uma universidade pública do estado do Paraná, (c) apresentar escore acima de 50% em ao menos três dos seis contextos abordados pelo Questionário de Inibição Comportamental (*Behavioral Inhibition Questionnaire* — BIQ) (Bishop et al., 2003), respondido pelas mães sobre o comportamento de suas crianças, e (d) não possuir diagnóstico de déficits cognitivos ou intelectuais segundo avaliação de profissionais da área da saúde. O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina (CEP - UEL), com número CAAE 66626217.9.0000.5231 (Parecer 2.130.248).

Instrumentos

Roteiro de Identificação de Comportamentos Inibidos

Elaborado pela pesquisadora (primeira autora do presente trabalho) para auxiliar os residentes de Odontologia a identificar crianças atendidas na clínica com possíveis comportamentos inibidos. O roteiro apresenta uma breve definição do perfil inibido, as classes de comportamentos consideradas inibidas e exemplos desses comportamentos no dia a dia. Sua elaboração foi baseada nos experimentos realizados por Kagan et al. (1984; 1988), nas classes de eventos antecedentes organizadas por Barros (2016), bem como nas questões apresentadas pelo Questionário de Inibição Comportamental (BIQ) (Bishop et al., 2003).

Questionário de Inibição Comportamental (BIQ)

Questionário de avaliação para as mães indicarem características temperamentais relacionadas à timidez, ao medo e ao isolamento de crianças pré-escolares e jovens. É composto por 30 itens, com respostas em escala Likert de um a sete pontos, que avaliam o comportamento de crianças em seis contextos, a saber: (a) contextos com adultos desconhecidos (quatro itens),

(b) pares (seis itens), (c) situações de desempenho (quatro itens), (d) contextos de separação e pré-escola (quatro itens), (e) situações estranhas em geral (oito itens), e (f) desafios físicos com baixo risco de se machucar (quatro itens). A pontuação deve ser atribuída de maneira comparativa com outras crianças da mesma idade. Assim, quanto mais alto o escore, deve-se considerar maior a inibição comportamental apresentada pela criança em cada um dos contextos, bem como no instrumento como um todo. Embora Bishop et al. (2003) tenham utilizado o percentil 85 (≈ 122 pontos) como critério para identificar casos de inibição elevada, optou-se por um critério mais sensível e compatível com os objetivos da presente pesquisa. Tal decisão também se justifica pela ausência de estudos de validação normativa do instrumento para a população brasileira. Dessa forma, o ponto de corte adotado foi igual ou superior a 50% da pontuação de referência do BIQ, ou seja, na referência de escores totais, foram considerados acima de 105 pontos (intervalo 30-210), indicativos de maior frequência de comportamentos inibidos, sendo o mesmo critério aplicado na análise dos seis contextos específicos. Com isso, foi possível identificar níveis relevantes de inibição comportamental sem limitar a análise apenas aos casos extremos. Os escores mínimo e máximo que poderiam ser atingidos em cada um dos seis contextos do questionário, assim como no questionário como um todo, estão indicados na coluna Referência da Tabela 1.

Roteiro Semiestruturado de Entrevista para Cuidadores

Elaborado pela primeira autora, teve como objetivo possibilitar que as mães identificassem comportamentos característicos de seus filhos em diferentes contextos, tais como aqueles diante (a) de estímulos do ambiente social (e.g., pares ou adultos) ou não-social (e.g., objetos, sons ou animais), que poderiam ser desconhecidos, estranhos ou pouco familiares à criança e que antecedem o comportamento considerado inibido e (b) consequências para a apresentação desses comportamentos. Os contextos investigados no questionário seriam

considerados como eventos antecedentes aos comportamentos que poderiam ser apresentados pela criança, sendo que algumas questões abordaram mais de um contexto ao mesmo tempo. Além disso, o questionário possui um espaço destinado para que as mães escrevessem sobre situações semelhantes nas quais o comportamento inibido já havia ocorrido. Caso a criança tivesse apresentado algum comportamento não citado nas alternativas, a mãe tinha a opção de assinalar “outros” e descrevê-los em seguida. Assim como no Roteiro de Identificação de Comportamentos Inibidos, a elaboração do presente instrumento foi baseada nos experimentos realizados por Kagan et al. (1984; 1988), nas classes de eventos antecedentes organizadas por Barros (2016) e nos itens do BIQ (Bishop et al., 2003).

Procedimento

Inicialmente, a pesquisadora realizou o contato com a direção da Clínica Escola de Odontologia Infantil e, após autorização para a realização da pesquisa, reuniu-se com os residentes de Odontologia para explicar o projeto. Dentre as ações, destacaram-se a descrição do procedimento de pesquisa e a entrega do Roteiro de Identificação de Comportamentos Inibidos para identificação de potenciais crianças para participação do estudo.

Após a indicação das crianças e suas mães, a pesquisadora entrou em contato com elas por meio de telefone e descreveu o projeto em sua íntegra. Após aceite em participar da pesquisa, as mães foram convidadas pela pesquisadora para a coleta de dados de modo presencial, em que, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, procedeu-se à coleta de dados. Inicialmente, as mães receberam uma cópia do BIQ e foram orientadas a responder aos 30 itens do questionário e atribuir pontuação de um (quase nunca) a sete (quase sempre) de acordo com as referências da escala Likert a fim de avaliar a intensidade de inibição comportamental da criança. Caso as mães tivessem dúvidas sobre algum dos itens ou sobre como responder ao questionário, poderiam solicitar esclarecimentos.

Em seguida, a pesquisadora realizou a entrevista, utilizando o Roteiro Semiestruturado de Entrevista para Cuidadores. Solicitou-se autorização para a gravação das entrevistas para posterior transcrição das informações. A coleta de dados teve duração média de uma hora.

Análise de Dados

As folhas de respostas do BIQ de cada uma das mães foram pontuadas de acordo com o protocolo de correção do BIQ e somadas de modo a produzir um escore total e escores classificados nos seis contextos previstos no instrumento. O escore total e os escores em cada um dos seis contextos foram comparados aos escores máximos de referência indicados no BIQ. Foram considerados escores elevados para o perfil internalizante aqueles iguais ou acima da metade do valor dos escores de referência indicados no instrumento (Bishop et al., 2003).

Os relatos das mães foram transcritos na íntegra pela pesquisadora. Dois avaliadores, estudantes de graduação em Psicologia, leram os relatos transcritos de forma independente. Esses receberam as definições das categorias de análise previamente elaboradas e baseados nos estudos de Kagan et al. (1984; 1988), nas classes de eventos antecedentes organizadas por Barros (2016) e no BIQ (Bishop et al., 2003). Os estudantes foram instruídos a extrair trechos dos relatos que correspondessem a cada uma das categorias indicadas. Em seguida, foi calculado o índice de concordância entre avaliadores (IC), que atingiu 85% de concordância entre os observadores.

Resultados

Participaram do estudo quatro mães, cujas crianças apresentaram pelo menos 50% do escore máximo a ser obtido em cada um dos contextos do instrumento em ao menos três dos seis contextos do BIQ. As crianças que apresentaram os escores gerais mais elevados foram C1 e C2. A criança C1 apresentou escores elevados em cinco contextos (i.e., adultos desconhecidos, situações de desempenho, separação e pré-escola, situações novas em geral e

situações de desafio físico), ao passo que a criança C2 exibiu escores elevados em todos os contextos propostos pelo instrumento (i.e., adultos desconhecidos, pares, situações de desempenho, separação e pré-escola, situações estranhas em geral e em desafios físicos). Por sua vez, C4 mostrou escore geral inferior a C1 e C2 e superior a C3, apresentando escores elevados nos seguintes contextos: adultos desconhecidos, pares, situação de desempenho e situações estranhas em geral. Em contrapartida, a criança C3 teve o menor escore total em relação às demais, apresentando escores elevados em três contextos: adultos desconhecidos, situações estranhas e desafios físicos (ver Tabela 1).

Tabela 1

*Escores Apresentados no Questionário de Inibição Comportamental (BIQ)**

Contextos	C1	C2	C3	C4	Referência (min – max)**
Adultos desconhecidos	23	20	16	17	4 - 28
Pares	20	31	15	24	6 - 42
Situações de desempenho	21	17	10	15	4 - 28
Separação e pré-escola	23	24	11	7	4 - 28
Situações estranhas em geral	32	41	28	31	8 - 56
Desafios físicos	14	21	15	10	4 - 28
Escore Total	133	154	95	104	30 - 210

Nota. *Escores superior a 50% da referência foram adotados como indicativos de maior inibição comportamental para este estudo e, por essa razão, serão apresentados em negrito. **A coluna Referência indica o escore mínimo e máximo que pode ser obtido em cada um dos seis contextos, assim como no instrumento como um todo.

No que se refere às categorias comportamentais, as mães relataram que, diante de estímulos sociais ou não sociais desconhecidos, estranhos ou pouco familiares, as crianças tinham maior probabilidade de se manterem próximas a elas, evitarem interações, delongarem-se para iniciar ações, bem como apresentarem frequentemente respostas emocionais. Essas

respostas são compreendidas como um conjunto de alterações nas condições corporais que são eliciadas nas respostas abertas e/ou na presença do estímulo social (pares e adultos) ou não social (objetos, sons e animais) desconhecido, estranho ou pouco familiar para elas. Como consequência aos comportamentos apresentados pela criança nessas situações, as mães tinham maior probabilidade de permitirem a emissão dos comportamentos que esperavam ser adequados ao contexto, descreverem o ambiente para a criança e manterem-se próximas a ela.

Durante as entrevistas, as mães descreveram os comportamentos de suas crianças nas situações questionadas, como elas costumavam reagir em tais situações, e compartilharam situações parecidas pelas quais já passaram. Essas foram, conforme descrito anteriormente, organizadas em categorias: classes de estímulos antecedentes, classes de respostas e classes de estímulos consequentes.

As classes de estímulos antecedentes estão relacionadas aos aspectos do ambiente social (i.e., pares ou adultos) ou não social (i.e. objetos, sons ou animais) que são desconhecidos, estranhos ou pouco familiares à criança e que antecedem o comportamento considerado inibido. Já as classes de respostas podem ser entendidas como comportamentos da criança apresentados diante dos aspectos do ambiente social ou físico, descritos em termos de características topográficas da resposta. Esses foram agrupados em quatro subcategorias, a seguir: (a) Manter-se próximo à mãe, buscando proximidade da mãe mediante a apresentação de estímulo social (pares e adultos) ou não social (objetos, sons e animais) desconhecido, estranho ou pouco familiar para ela; (b) evitar interação, fugindo ou se esquivando de interagir, ficar relutante ou não responder à apresentação de estímulo social ou não social desconhecido, estranho ou pouco familiar para ela; (c) delongar-se para iniciar uma ação, com estímulo social ou não social desconhecido, estranho ou pouco familiar; e (d) apresentar respostas emocionais, compreendidas como um conjunto de alterações nas condições corporais que são eliciadas e/ou

respostas abertas na presença do estímulo social ou não social desconhecido, estranho ou pouco familiar para ela.

Tabela 2

Classe de Estímulos Antecedentes, Classe de Respostas, Classes de Estímulos Consequentes e Exemplos de Relatos Maternos

Classe de estímulos antecedentes	Classe de respostas	Classe de estímulos consequentes
- Aspectos do ambiente social (pares ou adultos) ou não social (objetos, sons ou animais) que são desconhecidos, estranhos ou pouco familiares à criança - Visitar a casa ou receber visita de um adulto desconhecido e/ou criança desconhecida - Deparar-se com um grupo de crianças desconhecidas da mesma idade brincando - Deparar-se com animais que não costuma ter contato em seu dia a dia - Ouvir sons altos repentinos e inesperados	1-Manter-se próxima à mãe: <i>“Ela fica mais agarrada em mim”; “ela ficou assim meio perto de mim”; “ela chegou e ficou atrás de mim”; “ela já vai me chamando”; “ficou atrás das pernas”; “pede pra gente ficar perto”; “foi só até onde ela conseguia me ver”</i> 2-Evitar interação: <i>“esconde o rosto”; “dá as costas às vezes”; “não permite que seja examinada pelo médico ou dentista”; “ela vai sempre nos mesmos brinquedos.”; “ela não responde, ela fica quieta”; “às vezes, a gente está na rua e passa uma moto um pouco mais barulhenta ela já coloca as mãos no ouvido, incomoda o barulho para ela.”</i> 3-Delongar para iniciar uma ação: <i>“primeiro ela se agarra, depois ela aceita”; “ela fica um pouco assim, ressabiada e observa os momentos”; “ela sente mesmo constrangimento em ficar cumprimentando e se soltar assim logo no início.”; “depois passou um tempo e ela foi brincar”; “Observa os brinquedos antes de se aproximar deles”; “Ela fica observando um pouco, vai aproximando lentamente”; “Ela fica na dela, vai devagar, sentindo ambiente e depois vai se soltando”</i> 4-Apresentar respostas emocionais: <i>“ela tem medo mesmo de ficar longe de mim”; “se a criança entra lá, ela faz cara feia”; “às vezes, ela chora, às vezes, grita”.</i>	1-Permitir o comportamento esperado: <i>“Não tem problema, é um amiguinho, tem que fazer amizade...”; “filha então fala oi (...) pode cumprimentar, filha é uma vozinha”; “pode falar oi, tudo bem, fala seu nome”; “pode brincar”; “oh, pode ir”;</i> 2-Descrever características do ambiente: <i>“filha, olha que lindo que a vovó está dando, para você usar, igual ao da mamãe”; “se a pessoa é conhecida [para a mãe](...), explico quem é”; “essa é tal criança, é tal pessoa”; “fui falando para ela do neném”; “eu falei “não, oh, tal pessoa está ali, a tia tal”; “quando eu vou usar a batedeira ou o liquidificador aí eu tenho que avisar ela [referindo-se ao barulho]; “a gente fala ‘olha chegou amiguinha’”; “olha, essa daqui é a M., amiga da mamãe, ela quer saber como você chama”.</i> 3-Manter-se próxima à criança: <i>“mamãe está do seu lado”; “eu tenho que estar junto”; “eu pego ela no colo para eu ligar [liquidificador]”; “Eu já vou até ela na hora”; “Eu tenho que ir segurando na mão.”; “levanto a mão para ela me ver”; “A gente vai, leva, fica um pouquinho”.</i>

As classes de estímulos consequentes faziam referência ao comportamento das mães, decorrentes da resposta apresentada pela criança, tais como: (a) a mãe descrever para a criança o comportamento que deve apresentar diante do estímulo social ou não social desconhecido, estranho ou pouco familiar; (b) a mãe descrever para a criança as características do ambiente social que deve apresentar diante do estímulo social ou não social desconhecido, estranho ou pouco familiar; e (c) a mãe buscar proximidade da criança diante do estímulo social ou não social desconhecido, estranho ou pouco familiar. Recortes de relatos das mães que correspondem a cada uma das categorias (após o cálculo do IC) estão descritos na Tabela 2.

Discussão

A presente investigação foi conduzida com o objetivo de analisar relatos dos cuidadores sobre seus comportamentos diante da emissão do comportamento inibido de suas crianças quando elas são expostas a ambientes sociais (i.e., pares ou adultos) ou não sociais (i.e., objetos, sons ou animais) que são desconhecidos, estranhos ou pouco familiares. Os resultados obtidos, a partir das respostas dadas pelas mães ao BIQ e na entrevista semiestruturada, mostraram que as crianças avaliadas apresentam escores de inibição comportamental que variaram conforme os contextos aos quais eram expostas. Esse resultado corrobora com resultados disponíveis na literatura que mostraram que crianças podem exibir um perfil inibido em um ou mais contextos, mas não necessariamente em todos (Kagan et al., 1984, 1988; Fox et al., 2005). Por essa razão, é importante conhecer os estímulos presentes no ambiente que controlam comportamentos considerados inibidos pela criança, sejam eles físicos e/ou sociais. Esse conhecimento permite entender que um dado problema de comportamento pode ser mantido por vários estímulos reforçadores, bem como possuir funções distintas sob diferentes condições de estímulo,

indicando assim validade empírica para a elaboração de uma intervenção clínica, melhorando sua eficácia e eficiência (Carr & Carlson, 1993; Saini et al., 2020).

Em relação aos diferentes contextos, os comportamentos de ter medo de um adulto estranho ou ter medo de brinquedos novos não seria idêntico ou relacionado com medo de pares ou outros desconhecidos (Bishop et al., 2003). Além disso, ambas as classes de comportamentos emocionais não parecem ser equivalentes, o que faz com que as crianças mantenham contato com cuidadores em um ambiente novo quando outras pessoas estão presentes. Todas as mães relataram que suas crianças, ao entrar em contato com adultos ou pares que lhe são desconhecidos, estranhos ou pouco familiares, procuram manter-se próximas à mãe, padrão comportamental esse que é reforçado por elas. Assim, além da presença da mãe poder ser hipotetizada como uma condição para que a criança se comporte de determinadas maneiras (i.e., mais ou menos inibida), tal presença pode ter a função de consequenciar os comportamentos da criança, tornando-se parte importante no processo de aprendizagem e constituindo-se como base segura no desenvolvimento emocional e social infantil.

Muitas vezes, há pouco o que a mãe possa fazer para eliminar estímulos que são aversivos para a criança, mas ela poderá consolá-la na tentativa de reduzir a intensidade do dano (Bijou & Baer, 1976). Confortar ou proteger física e emocionalmente a criança em determinados momentos não é um problema, sendo esperado que elas o façam. No entanto, apresentar essas consequenciações aos comportamentos inibidos poderá ser um problema quando os estímulos forem evitáveis e enfrentáveis. Nesse sentido, alguns comportamentos podem fazer com que as mães acreditem que estão agindo adequadamente, de acordo com o que é previsto pela cultura. As consequências dos comportamentos apresentados pelas crianças, na maioria das vezes, são reforçadas positivamente pela proximidade da mãe. São exemplos desses comportamentos a descrição do ambiente, ou seja, dizer o que a criança deve fazer ou

falar e na presença de quais pessoas; acalmá-la quando se assusta diante de sons altos e repentinos; assim como possibilitar que fuja ou se esquive de situações físicas ou sociais novas, ou pouco familiares, que lhe são aversivas.

Durante a primeira infância, muitos pais de crianças cautelosas e amedrontadas, de modo bem-intencionado, acreditariam que eles podem e devem protegê-las de situações que potencialmente provoquem determinadas emoções (Rubin et al., 2002). No entanto, ao consequenciar os comportamentos inibidos com atenção e compreensão, permitindo respostas de fuga e esQUIVA frente a estímulos que deverão ser enfrentados, os pais não estariam ensinando às crianças comportamentos alternativos mais eficazes de enfrentamento, mas aumentando a probabilidade de torná-las inseguras, retraídas, vigilantes, caladas e dependentes emocional e socialmente de sua presença e aprovação no futuro quando estiverem em situações semelhantes. Essa discussão encontra suporte naquelas de outros estudos os quais pontuam que práticas parentais mais intrusivas e/ou superprotetoras podem tornar a criança futuramente mais submissa e insegura em relação a seus pares ou outros adultos (e.g., De Moor et al., 2018; Rubin et al., 1997, 2001). Assim, programas de orientação ou treinamento parental poderiam ser elaborados a partir da identificação de classes de estímulos antecedentes e consequentes relacionadas a essa temática.

A proteção pode ser evidenciada mediante o desencorajamento de tentativas independentes da criança de explorar o desconhecido, dirigindo-as e restringindo suas ações e atividades (e.g., dizendo a elas o que fazer) e intrometendo-se nas atividades que estão em andamento (e.g., intervindo para impedir a possibilidade de uma experiência que as entristeçam) (Rubin et al., 2002). Por exemplo, quando acompanham sua criança a um local de brincadeiras que é novo para ela, alguns pais, que a veem como sendo emocionalmente vulnerável, podem tentar protegê-la de possíveis desconfortos emocionais sendo altamente

afetivos. Ao mesmo tempo, eles podem assumir o controle das situações nas quais esperam que a criança se sentirá ansiosa independentemente se ela realmente esteja se sentindo assim (Rubin et al., 2002). Por essas razões, a superproteção é considerada como uma das dimensões mais destacadas de parentalidade e que compreende o encorajamento de dependência, intrusão e controle do comportamento da criança, restringindo sua autonomia (Rubin et al., 1997, 2001, 2002).

A partir das descrições verbais maternas, foi possível encontrar exemplos de comportamentos que indicam que isso já estaria acontecendo, sobretudo em interações de desafios físicos (C1, C2 e C3), situações de desempenho (C1, C2 e C4) e situações com adultos desconhecidos (C1, C2, C3 e C4). Na categoria manter-se próximo à mãe, há a descrição “ficou atrás das pernas” (e.g. ao chegar a um evento com pessoas pouco conhecidas); na categoria evitar interação: “fica quietinha, não responde às perguntas da pessoa que tenta interagir com ela”; na categoria delongar para iniciar uma ação: “ela sente mesmo constrangimento em ficar cumprimentando e se soltar logo de início”; por fim, na categoria denominada apresentar respostas emocionais: “se a criança entra lá, ela fica brava, faz cara feia” (e.g. quando está no parque de diversão).

Observam-se, assim, alguns comportamentos na inibição comportamental que podem ser característicos de transtorno da personalidade evitativa, personalidade dependente e personalidade antissocial (American Psychiatric Association [APA], 2022). Esses comportamentos poderiam ser selecionados, isto é, reforçados, com atenção e permissão da mãe para que a criança encerre a interação. Quando ela diz “não, eu explico para ela”, “eu fico aqui” ou “eu falo para ela”, a atenção é dada para uma resposta antecedente, que é a de se esconder atrás da mãe, selecionando-a por também afastar o estímulo novo, estranho ou temido. Assim, tem-se aqui um processo de aprendizagem de aquisição e manutenção de um repertório

comportamental que poderá, no futuro, ser classificado culturalmente como patológico (e.g., Barber et al., 1994; Degnan & Fox, 2007; Gensthaler et al., 2016; Rimm-Kaufman & Kagan, 2005).

Além das análises que foram conduzidas para a inibição comportamental em nível das interações entre a mãe e sua criança, é igualmente importante considerar as sensibilidades do indivíduo a certas formas de estimulação física e social, e que podem variar desde a sua concepção. Estudos mostraram que crianças consideradas inibidas apresentam maior magnitude de aceleração cardíaca, pupilas mais dilatadas, maior tensão muscular e aumento de pressão arterial quando comparadas com crianças desinibidas (Blair et al., 2004; Kagan et al., 1998; Kagan et al., 1988; Möller et al., 2016; Ostlund & Pérez-Edgar, 2023). No presente estudo, contudo, as mães não relataram tais reações das crianças, mesmo quando inqueridas durante a entrevista ou por meio do BIQ. Uma possível explicação para esse resultado é que reações emocionais como essas são mais difíceis de serem percebidas pelo outro (nesse caso, a mãe), necessitando em algumas delas, inclusive, o auxílio de instrumentos próprios de medida, a exemplo do que acontece com o aumento da pressão arterial. Outra possibilidade de análise é a de que as perguntas da entrevista não foram elaboradas de forma que as mães pudessem identificar e descrever essas emoções com maior precisão. Essa hipótese necessita de mais investigações que incluam, por exemplo, revisão das perguntas do questionário destinado à coleta de dados, treino de observação para os participantes e utilização de instrumentos de medidas fisiológicas apropriados.

Apesar de as mães não terem relatado alterações físicas ou fisiológicas, como as descritas no parágrafo anterior, foi possível obter, por meio das entrevistas, informações importantes acerca dos comportamentos das crianças em diferentes contextos. Ao organizar os relatos maternos em termos das reações das crianças apresentadas diante de pessoas, lugares e

objetos novos ou pouco familiares, observou-se que os comportamentos descritos pelas mães participantes foram semelhantes aos das observações de Kagan et al. (1984, 1988). Esse resultado possibilitou a organização dos dados em categorias análogas àquelas descritas no estudo de Barros (2016), cujas categorias encontradas foram: manter-se próximo à mãe, evitar interação, delongar para iniciar uma ação, e apresentar respostas emocionais. A categoria “fugir do contexto novo” foi agrupada à categoria “evitar interação”, e nela foram considerados comportamentos de fuga e esquiva de interação do estímulo novo ou pouco conhecido.

Considerações Finais

Estudos longitudinais pontuam que crianças inibidas exibem continuidade em seu padrão distinto de respostas a estímulos sociais e não sociais desconhecidos. Porém, variações nas trajetórias de desenvolvimento de crianças classificadas como inibidas podem influenciar em diferentes caminhos de desenvolvimento, e, com isso, fatores contextuais e processos cognitivos podem mediar a expressão da desinibição comportamental (Fox et al., 2005). Entretanto, é importante destacar as limitações do presente estudo, tais como o uso de relatos verbais em detrimento da observação direta do comportamento. Embora seja mais simplificado, a obtenção dos aspectos antecedentes, classe de respostas e consequentes ao comportamento inibido por meio de questionários e entrevistas aumentam a probabilidade de viés na coleta de dados (Luna, 2000), podendo ser considerada uma limitação importante em pesquisas dessa natureza. Nesse sentido, ressalta-se a importância de estudos futuros envolvendo a temática e sugere-se comparar o relato de mães de crianças categorizadas como inibidas com o relato de mães de crianças categorizadas como desinibidas. Além disso, sugere-se incluir sessões de observação direta de interação entre mães e suas crianças, uma vez que estudos envolvendo a observação direta do comportamento podem trazer novos elementos para compreender o comportamento inibido. Por fim, embora os instrumentos utilizados tenham

fornecido informações relevantes sobre o perfil de inibição comportamental das crianças, é muito provável que sua eficácia na seleção dos participantes tenha sido potencializada pela indicação prévia dos residentes de Odontologia.

Referências

- Aktar, E., & Pérez-Edgar, K. (2024). Family risk factors in the acquisition of anxiety: Behavioral inhibition and social fear learning from parents. *Advances in Psychiatry and Behavioral Health*, 4(1), 225-233. <https://doi.org/10.1016/j.ypsc.2024.05.016>
- American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed., text rev.). American Psychiatric Publishing. <https://doi.org/10.1176/appi.books.9780890425787>
- Barber, B. K., Olsen, J. E., & Shagle, S. C. (1994). Associations between parental psychological and behavioral control and youth internalized and externalized behaviors. *Child Development*, 65(4), 1120-1136. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1994.tb00807.x>
- Barros, L. M. A. (2016). *Inibição comportamental sob a perspectiva da Análise do Comportamento* [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina]. Repositório Institucional UEL. <https://repositorio.uel.br/handle/123456789/9322>
- Biederman, J., Hirshfeld-Becker, D. R., Rosenbaum, J. F., Hérot, C., Friedman, D., Snidman, N., Kagan, J., & Faraone, S. V. (2001). Further evidence of association between behavioral inhibition and social anxiety in children. *American Journal of Psychiatry*, 158(10), 1673-1679. <https://doi.org/10.1176/appi.ajp.158.10.1673>
- Bijou, S. W., & Baer, D. M. (1976). *Psicología del desarrollo infantil: Teoría empírica y sistemática de la conducta*. Trillas.
- Bishop, G., Spence, S. H., & McDonald, C. (2003). Can parents and teachers provide a reliable and valid report of behavioral inhibition?. *Child Development*, 74(6), 1899-1917. <https://doi.org/10.1046/j.1467-8624.2003.00645.x>

-
- Blair, C., Peters, R., & Granger, D. (2004). Physiological and neuropsychological correlates of approach/withdrawal tendencies in preschool: Further examination of the behavioral inhibition system/behavioral activation system scales for young children. *The Journal of the International Society for Developmental Psychobiology*, 45(3), 113-124. <https://doi.org/10.1002/dev.20022>
- Carr, E. G., & Carlson, J. I. (1993). Reduction of severe behavior problems in the community using a multicomponent treatment approach. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 26(2), 157-172. <https://doi.org/10.1901/jaba.1993.26-157>
- Cornell, A. H., & Frick, P. J. (2007). The moderating effects of parenting styles in the association between behavioral inhibition and parent-reported guilt and empathy in preschool children. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 36(3), 305-318. <https://doi.org/10.1080/15374410701444181>
- De Moor, E. L., Denollet, J., & Laceulle, O. M. (2018). Social inhibition, sense of belonging and vulnerability to internalizing problems. *Journal of Affective Disorders*, 225, 207-213. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.08.034>
- Degnan, K. A., & Fox, N. A. (2007). Behavioral inhibition and anxiety disorders: Multiple levels of a resilience process. *Development and Psychopathology*, 19(3), 729-746. <https://doi.org/10.1111/desc.13427>
- Fox, N. A., Henderson, H. A., Marshall, P. J., Nichols, K. E., & Ghera, M. M. (2005). Behavioral inhibition: Linking biology and behavior within a developmental framework. *Annual Review of Psychology*, 56, 235-262. <https://doi.org/10.1146/annurev.psych.55.090902.141532>
- Fox, N. A., Zeytinoglu, S., Valadez, E. A., Buzzell, G. A., Morales, S., & Henderson, H. A. (2023). Annual research review: Developmental pathways linking early behavioral

- inhibition to later anxiety. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 64(4), 537-561.
<https://doi.org/10.1111/jcpp.13702>
- Fu, X., & Pérez-Edgar, K. (2019). Threat-related attention bias in socioemotional development: A critical review and methodological considerations. *Developmental Review*, 51, 31-57. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2018.11.002>
- Gensthaler, A., Khalaf, S., Ligges, M., Kaess, M., Freitag, C. M., & Schwenck, C. (2016). Selective mutism and temperament: The silence and behavioral inhibition to the unfamiliar. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 25, 1113-1120.
<https://doi.org/10.1007/s00787-016-0835-4>
- Hanley, G. P., Iwata, B. A., & McCord, B. E. (2003). Functional analysis of problem behavior: A review. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 36(2), 147-185.
<https://doi.org/10.1901/jaba.2003.36-147>
- Henderson, H. A., Pine, D. S., & Fox, N. A. (2015). Behavioral inhibition and developmental risk: A dual-processing perspective. *Neuropsychopharmacology*, 40(1), 207-224.
<https://doi.org/10.1038/npp.2014.189>
- Kagan, J. (2012). The biography of behavioral inhibition. In M. Zentner, & R. L. Shiner (Eds.), *Handbook of temperament* (pp. 69-82). Guilford Press.
- Kagan, J. (2018). The history and theory of behavioral inhibition In K. Pérez-Edgar, & N. Fox. (Eds.), *Behavioral Inhibition* (pp. 1-15). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-98077-5_1
- Kagan, J., & Snidman, N. (1991). Temperamental factors in human development. *American Psychologist*, 46(8), 856-862. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.46.8.856>
- Kagan, J., Reznick, J. S., & Snidman, N. (1988). Biological bases of childhood shyness. *Science*, 240(4849), 167-171. <https://doi.org/10.1126/science.3353713>

-
- Kagan, J., Reznick, J. S., Clarke, C., Snidman, N., & Garcia-Coll, C. (1984). Behavioral inhibition to the unfamiliar. *Child Development*, 55(6), 2212-2225. <https://doi.org/10.2307/1129793>
- Kagan, J., Snidman, N., & Arcus, D. (1998). Childhood derivatives of high and low reactivity in infancy. *Child Development*, 69(6), 1483-1493. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1998.tb06171.x>
- Luna, S. V. (2000). Questionários e entrevistas como instrumentos para a coleta de informação em Psicologia. *Psicologia Revista*, 1(10), 87-98.
- Möller, E. L., Nikolić, M., Majdandžić, M., & Bögels, S. M. (2016). Associations between maternal and paternal parenting behaviors, anxiety and its precursors in early childhood: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 45, 17–33. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2016.03.002>
- Ostlund, B., & Pérez-Edgar, K. (2023). Two-hit model of behavioral inhibition and anxiety. *Annual Review of Developmental Psychology*, 5(1), 239-261. <https://doi.org/10.1146/annurev-devpsych-120621-043722>
- Pérez-Edgar, K., Morales, S., LoBue, V., Taber-Thomas, B. C., Allen, E. K., Brown, K. M., & Buss, K. A. (2017). The impact of negative affect on attention patterns to threat across the first two years of life. *Developmental Psychology*, 53(12), 2219–2232. <https://doi.org/10.1037/dev0000408>
- Reynolds, G., Askew, C., Field, A. P. (2018). Behavioral Inhibition and the Associative Learning of Fear. In K. Pérez-Edgar, & N. Fox (Eds.), *Behavioral Inhibition* (pp. 263-282). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-319-98077-5_12

-
- Rimm-Kaufman, S. E., & Kagan, J. (2005). Infant predictors of kindergarten behavior: The contribution of inhibited and uninhibited temperament types. *Behavioral Disorders*, 30(4), 331-347. <https://doi.org/10.1177/019874290503000409>
- Rubin, K. H., Burgess, K. B., & Hastings, P. D. (2002). Stability and social-behavioral consequences of toddlers' inhibited temperament and parenting behaviors. *Child Development*, 73(2), 483-495. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00419>
- Rubin, K. H., Cheah, C. S., & Fox, N. (2001). Emotion regulation, parenting and display of social reticence in preschoolers. *Early Education and Development*, 12(1), 97-115. https://doi.org/10.1207/s15566935eed1201_6
- Rubin, K. H., Hastings, P. D., Stewart, S. L., Henderson, H. A., & Chen, X. (1997). The consistency and concomitants of inhibition: Some of the children, all of the time. *Child Development*, 68(3), 467-483. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1997.tb01952.x>
- Saini, V., Fisher, W. W., Retzlaff, B. J., & Keevy, M. (2020). Efficiency in functional analysis of problem behavior: A quantitative and qualitative review. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 53(1), 44-66. <https://doi.org/10.1002/jaba.583>
- Schwartz, C. E., Kunwar, P. S., Greve, D. N., Kagan, J., Snidman, N. C., & Bloch, R. B. (2012). A phenotype of early infancy predicts reactivity of the amygdala in male adults. *Molecular Psychiatry*, 17(10), 1042-1050. <https://doi.org/10.1038/mp.2011.96>
- Svihra, M., & Katzman, M. A. (2004). Behavioural inhibition: A predictor of anxiety. *Paediatrics & Child Health*, 9(8), 547-550. <https://doi.org/10.1093/pch/9.8.547>
- Tan, E., Zeytinoglu, S., Morales, S., Buzzell, G. A., Almas, A. N., Degnan, K. A., Chronis-Tuscano, A., Henderson, H., Pine, D. S., & Fox, N. A. (2024). Social versus non-social behavioral inhibition: Differential prediction from early childhood of long-term

psychosocial outcomes. *Developmental Science*, 27(1), e13427.
<https://doi.org/10.1017/S0954579407000363>

Tang, A., Crawford, H., Morales, S., Degnan, K. A., Pine, D. S., & Fox, N. A. (2020). Infant behavioral inhibition predicts personality and social outcomes three decades later. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 117(18), 9800-9807.
<https://doi.org/10.1073/pnas.1917376117>

Zhai, S., Liu, R., Pan, L., & He, J. (2023). Maternal control and children's inhibitory control in China: The role of child exuberance and parenting contexts. *Journal of Experimental Child Psychology*, 229, 105626. <https://doi.org/10.1016/j.jecp.2023.105626>